

A praga dos servidores

JAIR BOLSONARO

Um conhecido senador da Bahia tem criticado com muita veemência o Poder Judiciário. Não existe poder ou instituição que não mereça críticas, desde que não generalizadas. Também é do conhecimento de todos que o oxigênio da democracia é a justiça e que a estopim das revoltas é o tratamento desigual entre os iguais.

Ao contrário do que alguns pensam, na verdade, o berço da justiça não é o Judiciário, mas sim o Legislativo. Temos força para, através de leis, sanear completamente os erros de qualquer um dos poderes.

A questão da data de pagamento dos servidores do Executivo bem ilustra a brutal discriminação que o partido do senador baiano está fazendo. Que pese a boa intenção do ilustre parlamentar, que não pode ser responsabilizado pelos atos da sua agremiação, mas que, lamentavelmente, não pronunciou uma só palavra contra esta injustiça. Daí se pergunta: quem pratica injustiça ou quem tem poderes para evitar tal procedimento e se omite, tem pré-requisitos para criticar as falhas ou erros dos outros?

Caso o nosso Congresso fosse localizado numa capital do porte de São Paulo ou Rio de Janeiro o mesmo deixaria de, explicitamente, votar com descaso matérias tão relevantes? Fomos eleitos pelo povo e para o povo e não para um governo detentor de centenas de cargos que influenciam diretamente no painel de votação. Nestes grandes centros a massa, vendo-se traída, situa-se à Casa de Leis, inibindo-se a prática da "politicinha".

Vale salientar que, como nos mares e rios, predominam em número os peixes pequenos sobre os grandes, con-

tudo, com a sua voracidade um pequeno tubarão ou traíra faz correr grandes cardumes. Nosso Congresso, culturalmente, tem sido assim: duas dúzias de peixes grandes intimidam quatro centenas de peixes pequenos.

O novo Congresso pode ser diferente, apesar do seu plenário ter o apelido de aquário. Basta cada um dos deputados, que não são poucos, denunciar aqueles que já estão pré-dispostos a votar com o Governo, por já terem enchido a sua barriga e seu bolso com cargos barganhados pelo Governo Federal. Passaria também pela conscientização de humildes servidores, mesmo anonimamente, em denunciar parlamentares, ministros e funcionários detentores de DAS, que estivessem se "oxigenando" de cargos para votar contra o Brasil e seu povo.

Na sessão do Congresso de quinta-feira (6 de abril) uma cena das mais repugnantes foi vivenciada. Depois de horas de discussão sobre a MP 936, que adiou a data de pagamento dos servidores do Executivo, os líderes do Governo prevendo a derrota da MP procuravam uma maneira de derrubar a sessão. Primeiro, notaram que não podiam pedir verificação de quórum na Câmara, pois havia mais de uma centena de deputados. Depois da certeza de não haver quórum no Senado, também não podiam pedir verificação, pois também não havia um só senador no plenário para fazê-lo.

Do quadro existente naquele momento, a derrota governamental era questão de minutos. Porém, eis que chega ao plenário um senador governista, que prefiro chamá-lo de *sabujo*, que sem saber o que estava acontecendo foi repetindo ao microfone as palavras di-

tadas por um deputado, solicitando ao presidente a verificação de quórum no Senado. O senador, sorrindo, cumpriu a sua porca missão, derrubando a sessão. Decidiu-se, assim, a vida de 2 milhões de servidores ativos e inativos, que continuam discriminados em relação a seus companheiros do Legislativo e Judiciário.

Não é só a questão dos servidores que é tratada desta maneira, são os destinos do nosso País que esta minoria abastada e servil decide constantemente.

Assim procedendo, breve o Congresso Nacional será chamado de adjetivos não recomendáveis pelo revoltado e empobrecido povo brasileiro.

Precisamos urgentemente de uma democracia pura, sem variáveis, onde vençam as questões decididas pela força do voto e não do voto da força, fruto da barganha de cargos, oportunidade em que se fatura milhares de dólares.

As favas qualquer interesse classista, quer civil ou militar, se votarmos contra estes para salvar o País. No entanto, como se nota até nas questões de soberania nacional, onde presidentes demarcam mais e mais terras para "índios" só para serem recebidos pelos governantes dos países ricos, o nosso Congresso continua silente. Ou a maioria decente dos deputados e senadores dá seu grito de independência agora ou o povo sepultará a todos sem compaixão ou glória.

Conclui-se que, se cada um fizesse a sua parte, o Brasil seria melhor para todos, sobriaria oxigênio, diminuir-se-iam as desigualdades.

■ **Jair Bolsonaro é deputado federal pelo PPR do Rio de Janeiro**